

O cômico no conto *via crucis* de Clarice Lispector

The comic element in Clarice Lispector's short story via crucis

Priscila Andressa Crepaldi VENTURIM¹
Neilde Silva de França BOIS²

Resumo

O estudo sobre o cômico no conto "Via Crucis" de Clarice Lispector destaca a complexidade da obra da autora na narrativa contemporânea brasileira. Lispector mescla o trágico e o cômico, desafiando convenções com ironia, contraste e ambiguidade. A pesquisa analisa como ela transforma uma narrativa sagrada em expressão cômica, explorando temas profundos como a condição humana e a solidão. Teóricos como Bergson são referenciados para compreender o uso do cômico e sua influência no contexto literário. A metodologia diversificada inclui também Propp, Aristóteles e o documentário "Ecce Homo - O Riso", enriquecendo a análise do humor como ferramenta para explorar questões universais. A pesquisa amplia o entendimento da obra de Lispector e contribui para o debate sobre as possibilidades estéticas e interpretativas da literatura brasileira, convidando os leitores a refletir sobre as múltiplas camadas de significado presentes na narrativa.

Palavras-Chave: Sagrado. Paródia. Cômico.

Abstract

The study on the comic element in Clarice Lispector's short story "Via Crucis" highlights the complexity of the author's work within contemporary Brazilian narrative. Lispector, known for her introspective and experimental writing, challenges traditional conventions by blending the tragic and the comic in "Via Crucis." Using elements of irony, contrast, and ambiguity, she provokes reflections on the human condition, loneliness, and the absurdity of existence. The study aims to uncover how Lispector constructs characters and situations that transform a sacred narrative of collective memory into a comic expression. The analysis focuses on how the comic element extends beyond conventional humor, serving as a powerful literary tool to explore profound and universal themes. By investigating the use of the comic, the study seeks to understand how Lispector challenges literary conventions and enriches her narrative with humor. Theorists such as Bergson are referenced to understand how laughter is influenced by context and audience perception.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).
E-mail: priscilaacventurim@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE / PPGL). E-mail: neildef@gmail.com

The research highlights the importance of examining how the comic expands the aesthetic and interpretative possibilities of Brazilian literature, inviting readers to reflect on the multiple layers of meaning present in the work.

Keywords: Sacred. Parody. Comic.

Introdução

O estudo sobre o cômico no conto "Via Crucis" de Clarice Lispector se insere em um contexto literário e crítico que busca explorar as nuances da obra da autora dentro do campo da narrativa contemporânea brasileira. Clarice Lispector é conhecida por sua escrita introspectiva e densa, que muitas vezes desafia as convenções tradicionais da prosa. Em "Via Crucis", encontramos uma narrativa que transcende os limites entre o trágico e o cômico, explorando temas profundos como a condição humana, a solidão e o absurdo da existência. Nesse sentido, a abordagem do cômico no conto não se restringe apenas ao humor convencional, mas sim à maneira como Lispector utiliza elementos sutis de ironia, contraste e ambiguidade para provocar reflexões sobre a complexidade da vida e das relações humanas. Assim, a análise do cômico em "Via Crucis" não apenas ilumina a habilidade literária de Lispector, mas também convida o leitor a explorar camadas profundas de significado dentro da narrativa.

A pesquisa tem por objetivo através da construção dos personagens do conto Via Crucis, de Clarice Lispector, elucidar como uma narrativa de memória coletiva sagrada pode ser reconstruída tornando se cômica. Como fundamentação foram selecionados os seguintes teóricos para compor o corpus da pesquisa: Henri Bergson (1983). Vladimir Propp (1992), Aristóteles (Poética V) e o documentário Ecce Hommo -O Riso (humor) episódio 10 (1998).

O riso faz parte das manifestações humanas. Quando criança, o riso é mais fácil; já na fase adulta, ele tem a necessidade de ser acionado. Vladimir Propp (1992, p.27) discorre que “partimos do fato de que o cômico e o riso não são algo de abstrato. O homem ri. Não é possível estudar o problema da comicidade fora da psicologia do riso e da percepção do cômico.” Nessa perspectiva psicológica, Sigmund Freud (1905), em seu livro “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, apresenta o cômico como uma válvula de escape, uma fuga das tensões diárias, do stress.

No documentário, episódio 10, “Ecce Hommo – O Riso” (1998), são relatadas várias características dessa manifestação, mostrando como o riso pode aflorar de diversas formas inoportunas, através de quedas, surpresas, ridicularizações e sofrimentos. Todas essas características são apresentadas no documentário ao relatar a trajetória do riso desde seu surgimento até os dias atuais.

Bergson (1983) conceitua o riso como um fenômeno social que depende da interação com outros para ter significado. Segundo sua teoria, o riso surge como consequência de algo cômico, necessitando de um contexto e de um público que reconheça a situação como tal. Para que o riso seja efetivo, Bergson sugere que ocorre uma "anestesia do coração" no momento da risada, onde as emoções do sujeito se tornam temporariamente inativas. Esse estado de "inércia emocional" permite que o riso se manifeste de maneira mecânica e momentânea, como uma resposta automática à percepção do cômico.

Assim, Bergson destaca a natureza relacional do riso, onde ele não apenas reflete uma reação individual, mas também depende do contexto social e cultural para ser compreendido e apreciado. A "anestesia do coração" sugere que o riso envolve uma suspensão temporária das emoções profundas, permitindo que a mente se entregue ao humor momentâneo proporcionado pela situação cômica.

A relevância deste estudo repousa em diversas razões que atravessam os campos da literatura, da crítica e da cultura. Ao investigar como Clarice Lispector manipula o cômico dentro de uma narrativa densa e introspectiva, o estudo não apenas amplia nosso entendimento sobre a obra da autora, mas também lança luz sobre questões mais amplas relacionadas à expressão literária contemporânea. Explorar o cômico em "Via Crucis" permite uma reflexão sobre como o humor, mesmo em suas formas mais sutis e complexas, pode ser utilizado como ferramenta para explorar temas profundos como identidade, solidão, existencialismo e as complexidades das relações humanas. Além disso, ao examinar a maneira como o cômico é empregado por Lispector, o estudo contribui para um debate mais amplo sobre as possibilidades estéticas e interpretativas da literatura brasileira, incentivando uma análise crítica que busca desvendar as camadas de significado por trás das palavras da autora.

Explorando o humor como ferramenta literária

A pesquisa sobre o cômico no conto "Via Crucis" de Clarice Lispector adota uma abordagem diversificada, utilizando teóricos como Henri Bergson, Vladimir Propp, Aristóteles e o episódio 10 da série "Ecce Homo - O Riso" para embasar a análise. Essa escolha metodológica visa oferecer uma perspectiva ampla e rica sobre o tema do riso e da comédia na obra de Lispector, permitindo uma investigação aprofundada sobre como o cômico é empregado como ferramenta literária para explorar temas profundos e universais.

A seleção dos teóricos citados para compor o corpus de pesquisa demonstra uma abordagem teórica diversificada e rica em perspectivas sobre o tema do riso e da comédia. Cada um desses autores e fontes oferece contribuições valiosas que podem enriquecer a análise e fundamentação teórica do estudo.

Henri Bergson, em seu "Ensaio sobre a Significação do Cômico" (1983), apresenta uma teoria profunda sobre o riso como um fenômeno social e psicológico, explorando a ideia de que o riso surge da incongruência entre as expectativas racionais e a realidade percebida. Bergson argumenta que o riso acontece quando algo nos surpreende por ser inesperado ou inadequado dentro de um contexto. Ele também discute a "anestesia do coração" durante o riso, que é quando nossas emoções se tornam temporariamente inativas, permitindo que a mente se entregue ao humor momentâneo. Essa perspectiva nos ajuda a entender como o humor funciona nas interações humanas e por que rimos de certas situações.

Vladimir Propp, conhecido por sua análise estrutural dos contos de fadas em "Morfologia do Conto" (1992), oferece uma perspectiva estruturalista que pode ser aplicada para desvendar padrões narrativos e tipos de personagens na comédia. Propp identificou 31 funções recorrentes nas narrativas de contos de fadas, e essas funções podem ser utilizadas para analisar como os elementos cômicos são construídos e desenvolvidos ao longo das histórias. Por exemplo, ele mostra como certos personagens e situações repetem-se em diferentes contos, criando um senso de familiaridade que pode ser explorado para criar humor.

Aristóteles, em sua "Poética", oferece uma base clássica para a compreensão da tragédia e da comédia na literatura e no drama. Ele distingue a comédia e tragédia ao afirmar que a comédia imita pessoas de qualidade inferior, ou seja, pessoas que estão em

situações ridículas, mas que não causam dor ou destruição. Aristóteles também discute a importância da catarse emocional, que é a liberação das emoções através da arte. Sua análise ajuda a situar a comédia dentro do contexto mais amplo da teoria dramática, mostrando como ela pode ser usada para refletir sobre a condição humana e proporcionar alívio emocional.

O documentário "Ecce Homo - O Riso" (1998), focado na análise antropológica e cultural do riso, complementa as abordagens teóricas mais tradicionais com uma investigação contemporânea sobre como o riso é percebido e utilizado em diferentes culturas e sociedades. Através de estudos de caso e entrevistas, o documentário explora como o riso pode surgir em diversas situações, como quedas, surpresas, ridicularizações e sofrimentos. Ele mostra que o riso é uma manifestação universal, mas que pode ter diferentes significados e funções dependendo do contexto cultural.

Em conjunto, esses teóricos e fontes proporcionam uma base sólida e abrangente para a análise da produção teórica sobre o riso e a comédia. A variedade de abordagens teóricas e metodológicas promove uma análise multidimensional que pode enriquecer a compreensão do tema e contribuir significativamente para o desenvolvimento da pesquisa. Ao investigar como Clarice Lispector manipula o cômico dentro de uma narrativa densa e introspectiva, o estudo não apenas amplia nosso entendimento sobre a obra da autora, mas também lança luz sobre questões mais amplas relacionadas à expressão literária contemporânea. Explorar o cômico em "Via Crucis" permite uma reflexão sobre como o humor, mesmo em suas formas mais sutis e complexas, pode ser utilizado como ferramenta para explorar temas profundos como identidade, solidão, existencialismo e as complexidades das relações humanas. Além disso, ao examinar a maneira como o cômico é empregado por Lispector, o estudo contribui para um debate mais amplo sobre as possibilidades estéticas e interpretativas da literatura brasileira, incentivando uma análise crítica que busca desvendar as camadas de significado por trás das palavras da autora.

Ana Cristina Chiara descreve Clarice Lispector como uma figura que transforma o espanto em escândalo e o sobressalto em ferocidade, incitando seus leitores a questionar os padrões estabelecidos e a reavaliar suas interações com o mundo contemporâneo. Em contraste com sua obra inicial, como "Perto do Coração Selvagem", publicada em 1944, Clarice mantém uma escrita que confronta abertamente a selvageria do desejo humano,

convidando os leitores a enfrentar temas desconfortáveis e essenciais à condição humana (Egler, 2022).

Dessa forma, a abordagem de Clarice Lispector em "A Via Crucis do Corpo" não apenas desafia as expectativas dos leitores, mas também oferece uma perspectiva provocativa sobre a vida e suas complexidades, demonstrando como a literatura pode ser um meio para explorar e expandir as fronteiras do pensamento e da existência (Egler, 2022).

Retomando os aspectos relacionados a produção de Bergson (1983), em seu "Ensaio sobre a Significação do Cômico", aborda de maneira profunda o fenômeno do riso, destacando três pontos cruciais. Primeiramente, Bergson argumenta que o riso é essencialmente humano; mesmo que algo não humano nos faça rir, é porque evoca uma semelhança ou relação com o comportamento humano. Isso inclui desde objetos que parecem ter formas humanas até animais que realizam ações humanizadas. O autor enfatiza que o riso é incompatível com a emoção profunda. Ele descreve o riso como uma atividade da inteligência pura, onde a emoção precisa ser momentaneamente suspensa para que o humor possa se manifestar. Mesmo que haja um forte sentimento em relação à pessoa objeto do riso, no momento do riso esse sentimento é temporariamente anulado para permitir a expressão do que ele chama de "acusação de ridículo".

Esses pontos destacados por Bergson revelam não apenas a complexidade do riso como fenômeno psicológico e social, mas também a maneira como ele desempenha um papel na dinâmica das interações humanas. Ao analisar o riso através dessas lentes, Bergson oferece insights valiosos sobre como o humor opera na vida cotidiana e como ele pode ser uma forma de expressão que transcende barreiras culturais e individuais.

Scorsolini-Comin e Santos (2010) apontam que Clarice Lispector destaca a dualidade entre narrativas ficcionais e autobiográficas, levantando questões cruciais sobre a interpretação dessa justaposição. A autora, preocupada com as convenções sociais e o decoro, narra histórias que exploram diversos eus ficcionais, alguns grotescos ou francamente indecorosos, que contrastam com seu próprio eu moderado e socialmente aceito. A coletânea de narrativas de Lispector desafia normas sociais ao afirmar uma sexualidade transgressora, que foge aos padrões normativos convencionais, conforme descrito por Derrida (2005). Lispector celebra corpos que desviam da normatividade, vistos como produtores de subjetividade. Em suas histórias, são explorados temas como sedução, adultério, homossexualidade, bissexualidade, e o desejo sexual de mulheres de

diferentes idades e condições sociais, incluindo uma freira e um padre. Além disso, a obra aborda crimes sexuais, como estupro e assassinato por ciúmes, e o comércio sexual, como a prostituição e relacionamentos de mulheres mais velhas com homens jovens.

Esses enredos entrelaçados desafiam a autoridade masculina e desconstruem o arquivo machista que historicamente reprimiu a sexualidade feminina. Ao fazê-lo, estabelecem uma nova forma de representação feminina que busca a voz própria e a apropriação plena do desejo através da corporeidade. Essa abordagem literária não apenas contesta normas sociais estabelecidas, mas também oferece uma plataforma para a expressão e exploração da sexualidade feminina de maneira libertadora e provocativa (Scorsolini-Comin; Santos, 2010).

Aristóteles concebia a tragédia como representação de ações sérias e completas que provocam temor e piedade no espectador, geralmente envolvendo personagens nobres e eventos de significância elevada. Por outro lado, a comédia é caracterizada por sua representação de situações e personagens cotidianos, frequentemente utilizando o humor e o ridículo para criticar vícios e deficiências humanas de forma satírica (Soares, 1978).

A transformação da narrativa cômica e trágica ao longo dos séculos reflete mudanças nas técnicas de representação teatral, bem como evoluções nas percepções culturais, sociais e políticas. A comédia moderna, por exemplo, frequentemente desafia normas sociais e políticas de maneira satírica e subversiva, enquanto a tragédia contemporânea pode explorar questões existenciais e morais de forma mais complexa e psicológica. As transformações na narrativa cômica e trágica também são evidenciadas pela diversificação de formas artísticas, como o desenvolvimento do teatro de absurdos, que desafia convenções dramáticas tradicionais e explora temas existenciais de uma maneira não convencional e muitas vezes perturbadora. Portanto, a análise de Soares e outras contribuições teóricas sobre a tragédia e a comédia proporcionam uma compreensão ampliada das raízes desses gêneros, suas evoluções ao longo do tempo e suas influências contínuas na literatura, no teatro e nas artes contemporâneas (Soares, 1978).

Clarice Lispector, em sua obra "Via Crucis", apresenta uma narrativa densa e introspectiva que não se enquadra tradicionalmente na estrutura cômica convencional. No entanto, seu estilo literário muitas vezes desafia as expectativas do leitor, explorando ironias, absurdos e contrastes que podem evocar reflexões humorísticas ou inesperadas

sobre a condição humana. A pesquisa sobre elementos cômicos, mesmo sutis ou subversivos, são empregados por Lispector para enriquecer sua prosa e provocar reações diversas nos leitores é bastante enriquecedora.

Por outro lado, o documentário "Ecce Homo - O Riso" aborda o riso de uma perspectiva antropológica e cultural mais ampla. Explora como o riso é utilizado em diferentes contextos sociais e históricos para expressar críticas sociais, políticas ou culturais, além de analisar seu papel na construção da identidade e na desconstrução de normas estabelecidas. O episódio 10 específico, pode tratar de como o riso pode ser um mecanismo de resistência ou de subversão, desafiando convenções e hierarquias através do humor.

Ao relacionar essas duas abordagens, é possível pensar que a pesquisa sobre o cômico em "Via Crucis" não se limita apenas ao humor evidente, mas também à forma como Clarice Lispector manipula a linguagem e a estrutura narrativa para sugerir ironias ou contradições que possam gerar uma reação de riso ou desconcerto no leitor. A análise pode incluir uma reflexão sobre como o documentário "Ecce Homo - O Riso" pode iluminar aspectos culturais e contextuais que influenciam a percepção do humor na obra de Lispector, contribuindo para uma compreensão mais profunda do uso do cômico na literatura contemporânea (Ecce Homo, 2012).

Vladimir Propp, em seu estudo de 2012, conclui que o riso não é apenas uma reação instintiva, mas também um fenômeno culturalmente construído, cujas causas e efeitos podem ser analisados e compreendidos através de uma abordagem estrutural. Ele argumenta que o cômico surge da quebra de expectativas e da inversão de normas sociais e morais, provocando um estado de surpresa que resulta no riso. Além disso, Propp examina como o riso pode ser usado como uma forma de crítica social, revelando contradições e absurdos na sociedade.

Outro ponto destacado por Propp é a universalidade do riso como um fenômeno humano, que transcende fronteiras culturais e históricas. Ele mostra como diferentes sociedades e períodos históricos têm suas próprias formas de expressão humorística, mas todas compartilham a função essencial do riso como um mecanismo de alívio emocional e social. Dessa forma, o estudo de Propp não apenas analisa as estruturas internas do cômico, mas também oferece uma visão abrangente de sua importância na cultura humana.

Propp (1992) não só proporciona uma análise detalhada das dinâmicas do humor, mas também convida o leitor a refletir sobre como o riso pode ser um reflexo das tensões e contradições presentes em nossas vidas sociais e individuais. Suas conclusões não apenas enriquecem nosso entendimento do humor como fenômeno cultural, mas também oferecem insights valiosos para aqueles interessados na interseção entre literatura, cultura e psicologia humana.

Sagrada comédia: humor e ironia

No conto *Via Crucis*, parte da obra *Via Crucis do Corpo* de Clarice Lispector, a autora ironicamente parodia a gestação de Maria à espera de Jesus. A história cristã é conhecida através da memória coletiva passada de geração em geração, no entanto, quando Clarice a reescreve ela usa mecanismos que transforma o sagrado em cômico. Segundo Vladimir Propp (1992, p. 59) “nada que seja sublime pode ser ridículo, ridícula é a transgressão disso”. Essa transgressão começa com a paródia de como foi a revelação de que Maria das Dores está grávida, diferentemente da anunciação do Arcanjo Gabriel à Maria descrita na Bíblia, em Lucas capítulo 1, versículo 26-38:

²⁶ No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, ²⁷ a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi e o nome da virgem era Maria. ²⁸ Entrando, o anjo disse-lhe: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo”. ²⁹ Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. ³⁰ O anjo disse-lhe: “Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. ³¹ Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. ³² Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, ³³ e o seu reino não terá fim”. ³⁴ Maria perguntou ao anjo: “Como se fará isso, pois não conheço homem?” ³⁵ Respondeu-lhe o anjo: “O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. ³⁶ Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, ³⁷ porque a Deus nenhuma coisa é impossível”. ³⁸ Então disse Maria: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo afastou-se dela. (Bíblia, 2011)

No conto, a personagem Maria, que agora é Maria das Dores, descoberta a gravidez em um consultório médico, pois estava com a menstruação atrasada há mais de

dois meses. Este fato de falar do ciclo menstrual na narrativa coloca a personagem Maria das Dores na posição de humano, diferente de Maria na Bíblia, descrita como sagrada e pura. Isso estabelece uma hierarquia distintas. Vejamos no trecho a seguir como se deu a descoberta da gravidez:

- Não pode ser! Gritou Maria das Dores.
- Por quê? A senhora não é casada?
- Sou, mas sou virgem, meu marido nunca me tocou. Primeiro porque ele é homem paciente, segundo porque já é meio impotente. (...)
- (...) Em casa encontrou o marido lendo jornal e de chinelos. Contou-lhe o que acontecia. O homem se assustou:
- Então eu sou José?
- É, foi a resposta lacônica. (Lispector, 2015, p.21)

Neste trecho do conto, percebe-se a referência à história sagrada da anunciação da gravidez de Maria. Contudo a história original não nos causa riso, mas sim um sentimento de respeito, pois o sagrado, o divino e o superior não são risíveis. O riso rebaixa a posição de inferioridade. Já quando as personagens são retiradas do papel de sagrada e/ou superiores e colocadas ao mesmo nível do público o cômico se torna possível. Segundo Aristóteles (1966, p.23 - 24): “A comédia, como dissemos, é imitação de pessoas inferiores; não, porém, com relação a todo vício, mas sim por ser o cômico uma espécie do feio”.

A comicidade da narrativa começa quando pessoas comuns acreditem ser personagens sagrados no mundo atual e, conhecendo a história das personagens que imaginam ser, tentam recriar toda a trajetória da gestação ao nascimento. No decorrer do conto, os personagens buscam, através da memória coletiva que tem da história, recriar os mesmos passos da sagrada família. José começa a trabalhar como marceneiro, e Maria das Dores acredita estar operando milagres. Perto de dar à luz, eles se mudam para uma fazenda que tem um estábulo, para que o novo messias venha a nascer nele. Esses contrastes de modernidade — como ir ao ginecologista para constatar a gravidez, tomar vitaminas e fazer todos os exames atuais — com busca de um parto arcaico dentro de um estábulo entre os animais, são mecanismos que levam o público ao riso. Satirizando um acontecimento religioso, possibilitando assim o riso. Um dos mecanismos usados por Lispector para chegar à comicidade é o absurdo que é definido por Bergson:

O absurdo, quando o encontramos na comicidade, não é, pois, um absurdo qualquer. É um absurdo determinado. Ele não cria a comicidade, antes, ele é que decorre dela. O absurdo não é a causa, mas o efeito — efeito especialíssimo, no qual se reflete a natureza especial da causa que o produz. (Bergson, 1983, p.86)

No decorrer do conto, o absurdo aparece em todos os detalhes, como a evolução da personagem Maria das Dores que acredita ter virado santa, pois gerava o novo messias.

“E Maria das Dores começou a acreditar em milagres. Uma vez julgou ver de pé ao seu lado a Virgem Maria que lhe sorria. Outra vez ela mesmo fez o milagre: o marido estava com uma ferida aberta na perna, Maria das Dores beijou a ferida. No dia seguinte nem marca havia.” (...) “Ia à igreja todos os dias e, mesmo barriguda, ficava horas ajoelhada. Como madrinha do filho escolhera a Virgem Maria. E para padrinho o Cristo” (Lispector, 2015, p.22)

O absurdo exagerado permeia a história, conferindo comicidade. Para Bergson, o absurdo é um dos mecanismos para acionar o cômico. Ele destaca em sua obra que “O que nos causa riso seria o absurdo encarnado numa forma concreta, um "absurdo visível" — ou ainda uma aparência de absurdo, admitida a princípio, logo corrigida — ou, melhor ainda, o que é absurdo por um lado, naturalmente explicável por outro etc.” (Bergson, 1983, p.86)

Assim como a personagem Maria das Dores, José, seu esposo, passou acreditar no milagre do filho divino e passou a se vestir como São José, pai de Jesus. “São José arranjara para si um cajado. [...] sua túnica era de estopa” (Lispector, 2015, p.23).

Além do absurdo, outro elemento presente é o grotesco, como no trecho “São José, com seu cajado ia meditar na montanha. A tia preparava lombinho de porco e todos comiam danadamente.” (Lispector, 2015, p.23). O termo “comer danadamente” refere-se ao comer exagerado, que na Bíblia é considerado gula, um dos sete pecados capitais. A pessoa que come exageradamente é relacionada ao anormal, feio, estranho. Outro ponto a ser considerado é o termo “danadamente” remete, na cultura popular, ao demônio, pois o feio está ligado ao demoníaco assim com o belo ao divino.

Diferentemente do nascimento de Jesus Cristo, que veio ao mundo a meia noite, Emanuel, nome escolhido por Maria das Dores e José para que o filho não fosse crucificado, “Mas parecia que se desse à criança o nome de Jesus, ele seria, quando homem, crucificado. Era melhor dar-lhe o nome de Emmanuel” (Lispector, 2015, p.22). O menino nasceu ironicamente às três da madrugada, a escolha da hora é o absurdo da

satirizarão da história sagrada, pois no cristianismo as três da tarde é a hora da misericórdia, hora que Jesus Cristo foi crucificado, assim três da madrugada é o oposto, a hora do demônio, das trevas, dos pecados, do mal solto.

O conto se encerra com o nascimento de Emanuel, assim como o risível é interrompido, com a frase “Não se sabe se essa criança teve que passar pela Via Crucis. Todos passam.” (Lispector, 2015, p. 23). Isso nos remete à ideia de Kant, que dizia “O riso advém de uma expectativa que acaba subitamente em nada” (apud Bergson, 1983, p. 43).

Aqui podemos pensar em baixa teoria como um modo de acessibilidade, mas também podemos pensar sobre ela como uma espécie de modelo teórico que voa fora do alcance do radar, que é formulada a partir de textos e exemplos excêntricos e que se recusa a confirmar as hierarquias do saber que mantém o alto em alta teoria (Halberstam, 2000, p.21).

Ao relacionar a obra "A Via Crucis do Corpo" de Clarice Lispector com conceitos contemporâneos, como os apresentados por Halberstam sobre formas criativas de existência fora das normas sociais, percebemos um paralelo intrigante. Clarice aborda temas complexos como sexo, violência e velhice de maneira direta e, muitas vezes bizarra, utilizando detalhes grotescos para destacar a condição humana. Esse estilo único desafia as convenções literárias e sociais, sugerindo que o fracasso em se conformar pode abrir caminhos mais autênticos e criativos para viver e pensar.

Considerações finais

Este artigo teve o intuito de através dos teóricos citados, encontrar mecanismos que indiquem a articulação do cômico no conto “Via Crucis” de Clarice Lispector. A estratégia da autora de parodiar uma passagem bíblica que é o nascimento de Jesus Cristo e o reescrevê-la utilizando o absurdo, o ridículo, o grotesco é central nesta análise. Esta pesquisa foi realizada de forma introdutória, e, que se aumentar o corpus de teóricos sobre o cômico, esta obra tende a ter uma análise mais minuciosa e aprofundada.

Refletindo com base em pressupostos teóricos, a obra "A Via Crucis do Corpo" de Clarice Lispector pode ser vista como uma narrativa que desafia e reconstrói a memória coletiva sagrada de forma cômica. Tradicionalmente, a Via Crucis é uma representação sacra da Paixão de Cristo, carregando uma carga emocional e espiritual intensa. No entanto, Clarice Lispector subverte essa narrativa ao explorar temas como

sexo, violência e velhice de maneira direta e muitas vezes bizarra, incorporando elementos grotescos que destoam da seriedade habitual associada ao tema.

Segundo teorias como as de Mikhail Bakhtin sobre o carnaval e o riso, a comédia muitas vezes desempenha um papel crítico ao subverter o status quo e revelar aspectos ocultos da sociedade. Nesse sentido, a abordagem de Clarice Lispector na "Via Crucis do Corpo" pode ser interpretada como uma forma de carnavalização da memória coletiva sagrada. Ela utiliza o grotesco e o escárnio para desmistificar as convenções sociais e religiosas, transformando o que é considerado sagrado em algo acessível e passível de riso.

Ao fazer isso, Clarice não apenas desafia as estruturas de poder e autoridade associadas à narrativa sacra, mas também oferece uma nova perspectiva sobre a condição humana. A comédia em sua obra não é apenas um meio de entretenimento, mas sim uma ferramenta para explorar os limites do aceitável e revelar verdades desconfortáveis sobre a natureza humana e suas instituições.

Portanto, ao reconstruir a memória coletiva sagrada de forma cômica, Clarice Lispector não apenas subverte as expectativas dos leitores, mas também os convida a questionar e reavaliar suas próprias crenças e valores, promovendo uma reflexão profunda sobre as complexidades da experiência humana e sua representação literária.

Referência

ARISTOTELES. **Poética**. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1983.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: Novo Testamento. Tradução CNBB. Rio de Janeiro: Canção Nova, 2011

ECCE HOMO, Série. **O Riso**. episódio 10. TV Escola. Youtube 8 de agosto de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s-DpShA4hOA>> Acesso em: 30 de novembro de 2022.

EGLER, Isadora Pires. **Cruzamento de fronteiras em A via crucis do corpo: uma leitura queer dos contos de Clarice Lispector**. 2022. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife, PE: CEPE Editora, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

PROPP, VLADMIR. **Comicidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Todos passam pela via crucis: a corporeidade em Clarice Lispector. **Psicologia em Estudo**, v. 15, p. 623-632, 2010.